



Vinhos



João Paulo Martins

Passaram quase dois anos desde a vindima de 2006. Está por isso na altura dos produtores decidirem se querem, ou não, fazer aprovar o seu vinho como Vintage. Para isso têm de enviar as suas amostras para a Câmara de Provedores do IVDP (Instituto dos Vinhos do Douro e Porto) e esperar que sejam aprovadas. A coisa não é linear; todos podem enviar o que entendem mas o Instituto muito frequentemente recusa as amostras enviadas. Neste caso, a haver recusa, fica o produtor com a obrigação de enviar outra amostra, de outro lote de vinho do mesmo ano, por exemplo para tentar uma segunda aprovação; ou pode também pura e simplesmente desinteressar-se da aprovação e não declarar vintage nesse

ano. É sempre ao IVDP que cabe a palavra da aprovação ou, em caso de litígio, cabe essa função a uma Câmara de Recurso, composta por enólogos das principais empresas.

Este ano estão em aprovação os vinhos da colheita de 2006, cumprindo assim a obrigação legal de só serem declarados no segundo ano após a vindima. Numa ronda feita pelo FUGAS junto dos principais grupos de sector, ficámos a saber que o 2006 não será clássico, ou seja, as principais empresas não irão declarar com o nome principal da empresa. Os vinhos que forem declarados surgirão então com outros nomes, quer de quintas, quer outros que façam parte do portefólio da empresa. São os chamados, pelos ingleses do sector, os vintages Single Quinta. É bom recordar que a Câmara de Provedores do IVDP não faz esta distinção entre vintage clássico e não clássico. Na Câmara os provedores apenas se limitam a aprovar, pelas características que apresenta, o vinho como vintage. A decisão de, para dar um exemplo, lhe chamar Taylor's ou Quinta de Vargellas é apenas, e só, da responsabilidade da empresa e obedece a nor-

mas e algumas tradições. A norma é económica e procura que o valor do Vintage não desça no mercado, fruto de declarações muito frequentes; a tradição, essa, sugere que se devem declarar apenas três vintages por década. As últimas declarações clássicas foram o 2000 e o 2003.

No grupo Sogrape, por exemplo, não haverá qualquer declaração. Não vai haver por isso vintage da Sandeman, da Offley e da Ferreira. No caso da Sogevinus, todos os vinhos já estão aprovados pelo IVDP, mas falta ainda a decisão sobre se serão todos declarados ou não. Das quatro marcas que fazem parte do grupo, Burmester, Barros, Kopke e Cálem, apenas está, neste momento, decidida a colocação no mercado do vintage 2006 Kopke Qta. de S. Luiz. Estes dois grupos - Sogrape e Sogevinus - nunca trabalharam com o conceito Single Quinta e por isso não têm marcas para os anos que possam revelar-se menos espectaculares. Declaram ou não



declaram, sem mais artifícios. Vários outros produtores não tiveram, ou não têm este conceito de Single Quinta, como o caso da Ramos Pinto e da Niepoort, só para citar mais dois.

Mas actualmente, apesar do peso destes grandes grupos ser enorme, existe uma proliferação de marcas de pequenos produtores que, aos poucos, estão a entrar também no mercado dos vintages. Como sempre, isto significa que vai haver muita escolha e os níveis de preços também serão muito diferenciados.

Se o ano não é clássico, pode ficar no consumidor a dúvida sobre a qualidade do mesmo. Será que o 2006 vale a pena? Parece-me que se justifica, por isso, um esclarecimento. Por norma, o facto de o ano não ser clássico não significa que o vinho seja de menor qualidade (situação em que seria reprovado pela Câmara de Provedores), mas antes que tem menor longevidade. Será por isso bebível mais cedo e não durará os 50 anos que estão previstos para um vintage clássico. Dito por outras palavras, este não será o ano para o leitor fazer grandes stocks a pensar que vai deixar vinho para os netos, antes é um ano para comprar e beber durante os próximos 20 anos. Não lhe chega?

No Grupo Taylors, a tradição é conhecer os vinhos declarados no dia 24 de Abril, dia de S. Jorge. Mas David Guimaraes disse à FUGAS que não vai ser declarado nenhum vinho. Já no grupo Symington irão surgir o Qta. do Vesúvio (um vintage que sai por norma todos os anos, a não ser que aconteça uma catástrofe climática) e o Qta. da Senhora da Ribeira. Os outros - Qta. do Bomfim, Qta. dos Malvedos e Qta. da Cavadinha - são normalmente guardados vários anos em cave antes de serem comercializados e por isso tão cedo não verão a luz do dia. Neste momento estão no mercado os Malvedos de 98 e Bomfim e Cavadinha de 95.

Estes vinhos têm uma grande vantagem para o consumidor: os preços situam-se muitas vezes 50% abaixo dos clássicos (no caso das grandes marcas) e muito vulgarmente 20 a 30% mais baratos. E ao preço a que alguns vinhos de mesa já se encontram à venda, estes vintages fazem figura de excelentes relações qualidade/preço.

E enquanto eles não chegam ao mercado, o que só acontecerá no Outono, vamos bebendo um L.B.V. (Late Bottled Vintage), um vinho bem mais simples e bebível em todas as circunstâncias. Para hoje escolhi um Croft 2001 (14,50 euros) que se mostra em muito boa forma, vivo, rico de aromas de frutos vermelhos e compota, com boas notas vegetais e capaz de dar muito prazer agora. Beba-o a solo ou, porque não, a acompanhar um queijo da ilha de S. Jorge, o tal que, por coincidência, é o patrono do grupo.

Porto

Mais um ano sem vintage clássico

Estamos na época em que as empresas e os produtores enviam as suas amostras para aprovação com vintage. Mas, tal como aconteceu no ano passado, o 2006 não será clássico.



PAULO RICCA



40 Porto Vintage

A colheita de 2006 na região do Douro não foi homogénea. A chuva que caiu a meio da vindima baralhou os planos dos produtores. Quem vindimou antes das chuvas, pode ter vinhos excelentes; quem vindimou depois, dificilmente poderá aspirar a vinhos históricos. É por isso que, tal como aconteceu com 2005, também em 2006 não haverá Vintage clássico.

